

ORAÇÃO DO PARANINHO

(Turma de 1955)

PROF.^o. DIÓGENES REBOUÇAS

no Auditório da Reitoria da Universidade da Bahia

em 17 de dezembro de 1955

Magnífico Reitor da Universidade da Bahia:

Senhor Representante do Exmo. Sr. Governador do Estado:

Exmas. Autoridades:

Exmos. Srs. Diretor e Professores da Escola de Belas Artes:

Exmas. Senhoras:

Senhores:

Meus Amigos, Arquitetos de 1955:

Sòmente o coração me induz a atinar com os motivos de minha escolha para patrocinar os novos arquitetos que a Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia apresenta hoje à sociedade bahiana. Dentre outros de mais significativa personalidade e de maiores recursos intelectuais, deveria ter sido selecionado quem, nesta hora com palavra fluente e erudita conceituação de idéias, pudesse atingir pela beleza da forma literária a vossa sensibilidade, meus jovens colegas, e a emoção dos ouvintes aqui presentes, exaltando, em todos, os sentimentos de alegria e de esperança, próprios de celebrações como esta.

Mas vê-se logo que foi outro, prezados arquitetos de 1955, o critério que adotastes para a designação do vosso paraninfo. Dêstes supremacia aos sentimentos afetivos, contra as razões da vossa inteligência. Vistes em mim apenas o colega mais experimentado a quem as oportunidades do desempenho da cátedra facultaram os meios de procurar despertar, em vosso ânimo, o entusiasmo pela profissão do Arquiteto e a fé nos recursos que nos podem armar para sermos úteis à nossa Pátria e para servir-mos, com sincero e nobre empenho, à comunidade em que vivemos.

Admiti, assim, que os motivos da vossa preferência foram os do coração, e só pelo coração os aceitei. Não me pêsua confessar o desejo de fugir a êste momento, submisso à bôa-razão da

autocrítica. Foi tão forte, porém, a imposição do vosso carinhoso aprêço, que afinal aqui me tendes, nesta tribuna de tradição tão ilustre, favorecido pelo estímulo da vossa compreensiva tolerância, para dizer-vos algo do que pude colhêr da experiência profissional que vim somando ao longo dos anos vividos. Não trago à vossa meditação mais do que a sùmula dos ensinamentos fruidos das lições da vida, nos raros instantes de conforto e de sucesso, como nos frequentes embates e dificuldades não vencidas, — cuja ausência de êxito não invalida o mérito do esforço mas proporciona, ao contrário, a visão das imperfeições a corrigir na armadura de combatente e o necessário critério para escolha de rumos para uma ação mais eficiente, no futuro.



A observação do quadro em se nos apresenta a realidade da vida moderna, cheia de motivações aparentemente contraditórias e em contínua e impressionante transformação, leva-nos a meditar nas modificações que se impõem às diretrizes da formação universitária do arquiteto brasileiro, para que se firmem e realizem os princípios básicos de sua integração espiritual, tecnológica e artística, no sentido de prepará-lo para desempenhar, de maneira clara e efetiva, a tarefa que lhe está reservada no mundo de hoje, apoiado nas exigências impostas pela ordem social, atento aos reclamos de novas técnicas e, em consequência, sensível aos novos vocabulários plásticos que delas derivam.

Cumprê apurar a formação de sua personalidade por meio de um sistema de aprendizado pleno do conteúdo da vida presente, sob a inspiração do acêrvo advindo do passado válido, e ao influxo amplo de uma visão crítica do panorama universal.

E' indispensável fomentar-lhe o espírito objetivo pelo tratamento de temas com raízes aprofundadas na realidade da nossa vida e ambiência, visando à valorização do homem pelas oportunidades oferecidas ao seu aperfeiçoamento espiritual e físico.

Ha de se levar em conta, necessariamente, o adestramento direto nas técnicas, a apreciação do "poder tecnologista da má-

quina" e os informes da pesquisa das propriedades dos materiais, para que se alcance, dêse modo, o aprimoramento do aprendizado em que se fundamenta e apóia o desenvolvimento da intuição plástica, e para que se consiga solucionar "*arquitetônicamente*" os problemas atuais da construção "*concebida com intenção plástica*", porque como disse *André Hermant* — Arquitetura é também construção, isto é — matéria organizada para se contrapor às forças naturais de destruição: sua nobreza consiste em afirmar plásticamente esta vitória do espírito sobre a matéria, pela matéria".



E' na familiaridade, na interpretação e na experimentação das FORMAS e do ESPAÇO, sob a influência das características sobre o de análise" de que fala Lúcio Costa, que o arquiteto, além de adquirir os elementos básicos para a sua atitude criadora, aprimora a sua capacidade intuitiva, perceptiva e de invenção, e assegura ainda, pelas possibilidades e contingências da experiência prática, a formação do hábito e da disciplina de criar.

Esse hábito e essa disciplina, indispensáveis aos objetivos fundamentais de toda criação no campo do planejamento arquitetônico, condicionam a inventiva do arquiteto — amparado pelos princípios de economia dos meios — à realização simultânea das exigências da Função, da Estrutura e da Forma, aspectos estes cuja síntese é, afinal, a essência da própria Arquitetura.

Coordenando o conhecimento científico com o adestramento técnico e a intuição artística, o arquiteto poderá conseguir, entre a Função, a Estrutura e a Forma, o equilíbrio desejado ou, se pretender dar ênfase a um desses aspectos — atendendo a imposições do seu sentimento, ou por contingências *impostas pelo programa, preconizadas pela técnica ou condicionadas pelo meio*, chegar a evidenciar sua preferência.

Enriquecendo sua formação cultural com leituras essenciais à compreensão dos fenômenos artísticos e com a observa-

ção das obras de Urbanismo e de Arquitetura mais significativas da nossa civilização, conseguirá a desejável integração de sua personalidade.

* * *

A Escola, além das disposições materiais que facilitem esse condicionamento, aparelhando e atualizando sua biblioteca e seus gabinetes experimentais, deve criar sobretudo a “*atmosfera*” onde possam germinar e florescer o entusiasmo e o espírito de equipe, necessários às atividades especulativas e de criação: estabelecendo modificações na organização e nos programas dos currículos, para melhor adaptação à realidade contemporânea; promovendo conferências e cursos de extensão; realizando exposições dos trabalhos escolares, debates e discussão dos problemas básicos da atuação profissional; participando, finalmente, das atividades culturais e artísticas, no país e no estrangeiro, pelo intercâmbio de professores e alunos.

Assim procedendo, afastará do ambiente universitário o academismo — no sentido pejorativo, combatendo a estratificação de fórmulas, quer nos estúdios, quer nos laboratórios, inerentes à civilização de nossos dias.

* * *

Sou daqueles que desejam e preconizam a equivalência cultural dos cursos superiores de Arquitetura, de Pintura e de Escultura. Da equiparação de valores mentais resultante surgirão as vantagens de um melhor intercâmbio das idéias, na discussão e no debate de problemas correlatos aos arquitetos, pintores e escultores.

O preparo, assim planejado, da formação técnico-artística, quando realizado dentro de uma unidade universitária onde se focalizem, harmoniosamente, os conhecimentos necessários, especificamente, a cada um dos setores em que ela se desdobre, poderá sanar os inconvenientes apontados pelos adeptos do isolamento.

Será imprescindível, porém, nos cursos universitários de Pintura e Escultura, a elevação do nível do ensino, atualizado e aplicado às necessidades da nossa época.

Nas realizações atuais no campo da Arquitetura, os pintores e escultores encontrarão, assim, maiores possibilidades de objetivação da expressão plástica; e os arquitetos, por seu turno, poderão equilibrar os conhecimentos técnico-científicos indispensáveis à sua formação, com o desenvolvimento de suas aptidões ópticas e a ampliação dos recursos expressivos da sua sensibilidade estética.

A história das artes no mundo destes últimos cinquenta anos confirma a interligação, o entrosamento e a correlação dessas atividades técnico-artísticas no campo de toda realização plástica.



A arquitetura contemporânea brasileira, representada nos bons exemplares que lhe balisam o caminho percorrido, pela acentuada coerência com o meio físico em que se desenvolve, pela desenvoltura de expressão, pelo arrojado e compreensivo uso da capacidade de tensão de novos materiais, pela exuberante inventiva de seus arquitetos, alcançou e conserva no cenário internacional um singular e inegável prestígio.

Semeada em terreno fecundo pela interferência oportuna de Le Corbusier, a Arquitetura moderna desabrochou em espontânea e rica floração, em mãos de uma plêiade de jovens profissionais, sob a clarividente assistência espiritual de Lúcio Costa. E desde então se amplia, cada dia mais, em múltiplas e variadas afirmações do poder criador das novas gerações.

Os arquitetos brasileiros, explorando e pesquisando as possibilidades elásticas do concreto armado, favorecidos pela inexistência de cataclismas telúricos em nosso país e pela ocorrência, em suas equipes de colaboradores, de engenheiros que aliam a ciência e a técnica da estrutura à sensibilidade artística das formas, possibilitaram um ritmo novo na arquitetura, com o empenho consciencioso e racional da *“tensão como base do sistema estrutural”*.

Em sua integração com o meio em que trabalham, os nossos arquitetos já possuem os recursos exigidos de inventiva e de qualidades plásticas para colaborarem na solução dos grandes e inadiáveis problemas nacionais, criando ambientes que reflitam o equilíbrio de valores desejado num mundo melhor de amanhã.

E' certo que as interferências do meio brasileiro, tão contraditório, têm-se refletido em muitos de nossos arquitetos pela constância temática de soluções pessoais e pela volubilidade formal no projeto de edifícios onde predominam altos padrões de conforto e certo luxo de exibição, perdendo-se de vista, em consequência, os grandes problemas de conteúdo humano e a pesquisa de soluções que interessem à generalidade do povo brasileiro.

Depoimentos valiosos já têm vindo a lume, justificando e esclarecendo a complexidade dos determinantes desses problemas, situando em termos objetivos suas razões e apontando os rumos certos que se devem delinear.

A meta primordial a atingir é a recuperação do homem brasileiro. Cada dia é mais urgente o planejamento das áreas onde se estratificaram ou se devem instalar as aglomerações humanas, em face da necessidade de se *delimitar e ordenar o espaço construído*, à base da *eficiência da sua utilização* e da *promoção do bem estar físico e espiritual*.

O clima desejável para o trabalho mais eficiente, qualquer que seja o ramo de atividade a exercer, é o que resulta de sucessivas etapas de planejamento, partindo dos mais amplos delineamentos de feição territorial extensa, como programas nacionais de longo alcance, e tendo por seqüência planos regionais devidamente entrosados e planos urbanísticos coerentes com as idéias adotadas, sempre em vista dos fatores primordiais — POPULAÇÃO, ECONOMIA, REGIÃO — e do propósito de condicionar uma vida social mais rica, mais cômoda e mais progressista, eliminando-se, com isto, a dispersão, inútil ou nociva, da energia e dos bens e valores postos em jôgo.

Sendo isto verdade em qualquer caso, patente será para o arquiteto, que encontrará, assim, o ambiente propício não só

à utilização plena da sua acuidade sensitiva, em contacto com o meio físico e social, como ao desenvolvimento da sua intuição, na receptividade dos “fatos” e “fenômenos” da paisagem humanizada, que lhe cumpre *conhecer*, para *compreender*, *julgar* e *intervir*.

E será o arquiteto, a um só tempo “*técnico, sociólogo e artista*”, conforme a lição magistral de Lúcio Costa, “pela natureza mesma do ofício e pelo sentido da formação profissional”, o colaborador adequado e indispensável, “capaz de prever e antecipar gráficamente, baseado em dados técnicos precisos, as soluções desejáveis e plásticamente válidas, á vista de fatores físicos e econômicos-sociais, que se impõem”.

* * *

Caros afilhados:

Quando orientastes os vossos passos em direção à Escola de Belas Artes da Bahia, ingressando no seu curso de Arquitetura, já se havia por certo delineado em vossos espíritos, talvez inconscientemente, uma atitude de grande significação, oriunda do entusiasmo espontâneo e confiante. Fostes daqueles que acreditaram na fôrça de um ideal, porque naquela época a Escola apenas saía das confusas e demoradas *demarches* da oficialização, para integrar-se definitivamente no seio da Universidade. Logo nos primeiros contactos devíeis ter percebido a precariedade das suas instalações materiais para o ensino tão complexo da arte e das técnicas da Arquitetura, — e não vos faltou no entanto a fé, nem esmoreceu o ideal. Fostes sensíveis ao entusiasmo que animava aqueles que já ali estavam, professores e alunos, e, juntando-vos a essa plêiade de animadores, escolhestes o caminho mais apropriado para exaltar e revigorar o espírito idealista palpitante no íntimo de cada um de vós: — uma ESCOLA EM PLENA EVOLUÇÃO — à qual desíeis a parcela de compreensão e confiança que de vós era exigida, para que ela pudesse vencer aquela árdua etapa do seu desenvolvimento.

Vosso comportamento foi exemplar. Unidos, na mais sábia camaradagem, constituístes uma turma homogênea e sin-

gular, revelando, desde os primeiros dias de atividade acadêmica, alto grau de compostura e compreensão dos problemas que se vos apresentavam.

Soubestes superar com sutileza, finura e dignidade muitas dificuldades peculiares à vida estudantil, requintando as normas de proceder que herdastes dos antigos colegas e que transmitis aperfeiçoadas aos companheiros mais novos, que ficam responsáveis agora em tornar tradição essa cordialidade tão humana que entretece de pitoresco e colorido tantas de vossas festividades escolares.

Assim como há de suceder na realidade da vida que vos aguarda, se tivestes horas de despreocupada e contagiante alegria, numa convivência amiga, sofrestes também a amargura de momentos de intensa e profunda emoção. Dentre estes, sem dúvida, guardais penosamente na intimidade do vosso coração aquele em que um de vossos companheiros foi atingido pela fatalidade, que o afastou de vosso convívio em circunstâncias extremamente dolorosas, que peço a Deus sejam em breve superadas. Ao jovem e promissor Rodrigo Fontual, acentuada vocação de arquiteto, e ao seu estoicismo em face do sofrimento, rendo aqui minha comovida homenagem.

* * *

Escolhestes uma profissão cujas motivações decorrem das forças profundas que marcam o sentido da vida, sua condição e seu destino. Cabe-vos agora pesquisar, numa análise introspectiva, em que cada um procure conhecer a si próprio, as potencialidades com que ides contar para influir no futuro que vos aguarda, as possibilidades de vos enquadrardes no panorama de nossa pátria, em harmonia com os aspectos universais da existência, tudo isto sem perderdes de vista as exigências de um condicionamento ao meio, a cuja influência todos os homens, sem exceção, se acham subordinados. Adquiristes pelo trabalho escolar a necessária visão dos recursos técnicos e artísticos que vos irão proporcionar, através do exercício quotidiano, o aprimoramento da base inicial da sobrevivência, para atingirdes, em breve, a plenitude da vossa capacidade criadora.

Segundo Mumford, “quanto mais plenamente o homem organiza o seu meio e mais habilmente se associa em grupos, e mais constantemente recorre à sua herança social, tanto mais se destaca da sociedade como complemento e para perfeição desta”. E “os mais altos êxitos do homem não passam nunca de começos e o seu completo desenvolvimento deve sempre deixá-lo insatisfeito”.

Hoje nesta solenidade, coroados os esforços das lides acadêmicas. Sois arquitetos e, para maior responsabilidade, arquitetos brasileiros. Abre-se diante de vós um vasto e característico panorama do maior interesse para a vossa sensibilidade e que merece análise objetiva e compreensão escrupulosa. E em qualquer plano dessa vasta perspectiva, ides perceber — assim o desejo e espero — as oportunidades que se podem apresentar à vossa contribuição, se motivos impatrióticos não continuarem criminosamente a retardar mais ainda a colocação, o encaminhamento e a solução, em grande escala, dos problemas básicos da nacionalidade.